

## BREVE ESTUDO DA CATEGORIA DOS CLÍTICOS EM LÍNGUAS ROMÂNICAS<sup>1</sup>

BRIEF STUDY OF THE CATEGORY OF CLITICS IN ROMANCE LANGUAGES

Luciano de Oliveira

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal  
de Santa Catarina

[lucioliv1975@gmail.com](mailto:lucioliv1975@gmail.com)

**Resumo:** Os clíticos (ou pronomes pessoais átonos) são elementos que podem indicar, dentre outros constituintes, argumentos internos do verbo. No entanto, eles não apresentam o mesmo comportamento que os DPs (ou PPs) que recebem o papel temático atribuído pelo verbo, o que se deve principalmente ao fato de os clíticos não ocuparem a mesma posição sintática que aqueles constituintes. Também não apresentam estritamente o mesmo comportamento nas várias línguas, havendo, por exemplo, aquelas que privilegiam a próclise em situações em que outras os colocam em ênclise ao verbo, ou ainda línguas que possuem clíticos locativos e genitivos/partitivos, ao contrário de outras. Neste trabalho, são consideradas línguas neolatinas, dentre elas o português brasileiro, o italiano, o espanhol e o francês, em testes que comprovam brevemente o caráter nuclear dos clíticos.

**Palavras-chave:** Sintaxe; Clíticos; Línguas românicas.

**Abstract:** Clitics (or unstressed personal pronouns) are elements that can indicate, among other constituents, internal verbal arguments. However, they do not exhibit the same behavior as the DPs (or PPs) that receive the thematic role assigned by the verb, which is mainly due to the fact that clitics do not occupy the same syntactic position that those constituents do. Also they do not have strictly the same behavior in different languages: for example, there are languages that put clitics on proclisis in situations where other languages put them at enclisis to the verb, or languages that have locative and gen-

---

<sup>1</sup> O presente artigo representa parte da pesquisa desenvolvida e apresentada pelo autor em sua dissertação de mestrado em Oliveira (2016).

itive / partitive clitics, unlike others. In this work, Romance languages, among them Brazilian Portuguese, Italian, Spanish and French, are taken in consideration in tests that briefly prove the nuclear character of clitics.

**Keywords:** Syntax; Clitics; Romance languages.

## Introdução

De acordo com Dubois et al. (2006, p. 489), **pronomes** são “palavras que se empregam para reenviar a ou substituir uma outra já utilizada no discurso (emprego anafórico), ou para representar um participante na comunicação, um ser ou um objeto presentes no momento do enunciado (emprego dêitico)”. No seu uso anafórico, os pronomes costumam servir à substituição de nomes (ou de DPs), mas também à de adjetivos e à de sentenças, como nos exemplos dados abaixo:

- (1) Tu és [corajoso]<sub>i</sub>? – Sim, eu [o]<sub>i</sub> sou.
- (2) Vais [escrever à tua mãe]<sub>i</sub>? – Pretendo fazê-**[Io]**<sub>i</sub>.

(adaptado de DUBOIS et al., 2006, p. 489).

Neste trabalho, serão considerados somente os pronomes pessoais.<sup>2</sup>

Os **clíticos** (ou clíticos pronominais) constituem uma (sub)classe de palavras dentro do que a GT (Gramática Tradicional) chama de pronomes pessoais átonos (DUBOIS et al., 2006, p. 112-113), podendo apresentar formas diferentes de acordo com o caso que lhes é atribuído: acusativo, dativo, locativo, etc. Dessa forma, respeitando-se a Gramática Gerativa, clíticos podem ser os pronomes (ou clíticos pronominais) ou os anafóricos (que correspondem, na GT, aos pronomes reflexivos).

De acordo com Kanthack (2002, p. IX), clíticos “são elementos que, na maioria das vezes, correspondem a um argumento interno do verbo; porém, nas sentenças, eles não ocupam a posição de um verdadeiro argumento. Eles ocorrem, normalmente, adjacentes

---

<sup>2</sup> Para a GT, distinguem-se entre os pronomes os pessoais, os possessivos, os demonstrativos, os relativos, os indefinidos e os interrogativos.

a um verbo, o que os caracteriza como elemento nuclear”. Dessa forma, são aqui realizados testes para a caracterização da categoria dos clíticos, tendo por base o trabalho de Kanthack (2002). Para isso, são fornecidos dados nas quatro línguas, com o objetivo de demonstrar que os clíticos e os DPs (ou PPs) que exercem a função de complementos verbais são categorias que apresentam propriedades diferentes entre si, não podendo, principalmente, um clítico ocupar na sentença a mesma posição que um DP (ou PP) ocupa e vice-versa. Mostra-se, com isso, que os clíticos devem ser alojados, na arquitetura na sentença, em um núcleo próprio, dentro de IP (pois podem ser comparados a afixos verbais).

Para a realização dos testes, procurou-se, em princípio, utilizar dados obtidos a partir de obras publicadas (livros e artigos) para as quatro línguas mencionadas. Quando isso foi possível, as fontes foram referenciadas. Para os dados em que foi necessário realizar alguma alteração (como destaques ou inclusão de índices que não havia no original), incluiu-se “adaptado de” à esquerda da especificação da fonte (como já verificado nas sentenças em (1-2)).

No entanto, nem sempre os dados necessários puderam ser localizados nas fontes mencionadas acima. Nesse caso, o autor deste trabalho os criou, a partir do seu conhecimento sobre as línguas estudadas. Dessa forma, as sentenças que não têm a fonte indicada são de inteira responsabilidade do autor. No caso das sentenças em PB, uma vez que o autor é brasileiro, sua intuição foi considerada suficiente para o julgamento de (a)gramaticalidade das mesmas; em se tratando do italiano, do espanhol e do francês, uma vez que o autor não tem essas línguas como L1, as sentenças foram submetidas à avaliação de informantes que tinham cada uma das três línguas em questão como línguas maternas (para que uma avaliação mais confiável de (a)gramaticalidade fosse obtida). A orientação dada a esses informantes foi de sempre avaliar as sentenças com base na variedade padrão de cada língua.

## **2 A categoria dos clíticos**

Os testes apresentados a seguir têm como objetivo justificar a inclusão dos clíticos em uma categoria diferente da dos argumentos internos dos verbos com os quais eles ocorrem.

## **2.1 Os testes para a análise da categoria dos clíticos**

Kanthack (2002, p. 6-21), tendo por base vários autores, dentre eles Kayne (1975), Zwicky (1977), Cardinaletti e Starke (1994) e Silveira (1997)<sup>3</sup>, realiza uma série de testes que permitem chegar à conclusão de que:

- os clíticos não se comportam como DPs lexicais ou pronomes não-clíticos: não podem ocorrer em posições argumentais ou não-argumentais, nem ocorrer como item isolado ou coordenado, assim como também não podem receber acento contrastivo ou serem modificados (pelo uso conjunto com advérbios, por exemplo). Todas essas propriedades são, entretanto, legitimadas para os DPs lexicais ou para os pronomes não-clíticos;
- da mesma forma, os DPs lexicais e os pronomes não-clíticos não se comportam como os clíticos: as posições que os clíticos podem ocupar na sentença não são as mesmas que os DPs lexicais e os pronomes não-clíticos podem ocupar.

A seguir serão realizados, para as quatro línguas envolvidas neste trabalho, os mesmos testes que Kanthack (2002) realizou para o PB.

### ***2.1.1 Os clíticos não se comportam como DPs lexicais ou pronomes não-clíticos***

Nas seções a seguir será verificado que sentenças gramaticais com o uso de DPs lexicais e pronomes não-clíticos se tornam agramaticais se forem colocados, nas mesmas posições em que estes DPs e pronomes ocorrem, clíticos que possam corresponder a esses elementos.

#### ***2.1.1.1 Um clítico não ocorre em posição argumental***

Mesmo correspondendo a um argumento interno de um verbo, os clíticos não podem ocorrer em uma posição-A, como revelam as sentenças em (3-6). Nestes grupos, as sentenças (a) têm na posição de argumento interno um DP lexical, as (b), um pronome tônico e as (c), um clítico:

---

<sup>3</sup> As referências bibliográficas completas destas quatro obras podem ser obtidas em Kanthack (2002).

- (3) a. O João visita sempre **a Maria**.  
b. O João visita sempre **ela**.  
c. \*O João visita sempre **a**.
- (4)<sub>I</sub><sup>4</sup> a. Gianni vede spesso **Maria**.  
G. vê(P3) frequentemente M.  
“O G. vê frequentemente a M.”  
b. Gianni vede spesso **lei**.  
G. vê(P3) frequentemente ela  
“O G. vê frequentemente ela.”  
c. \*Gianni vede spesso **la**.  
G. vê(P3) frequentemente a(cl.acc.)  
“\*O G. vê frequentemente a.”
- (5)<sub>E</sub> a. Juan la encuentra siempre **a María**.  
J. a(cl.acc.) encontra(P3) sempre a(prepar.) M.  
“O J. encontra sempre a M.”  
b. Juan la encuentra siempre **a ella**.  
J. a(cl.acc.) encontra(P3) sempre a(prepar.) ela  
“O J. encontra sempre ela.”  
c. \*Juan la encuentra siempre **la**.  
J. a(cl.acc.) encontra(P3) sempre a(cl.acc.)  
“\*O J. encontra sempre a.”

---

<sup>4</sup> Já que haverá exemplos de várias línguas neste trabalho, na indicação de número desses exemplos será usado um índice para identificar a língua em questão, sendo:

I – para o italiano;

E – para o espanhol;

F – para o francês;

PE – para o português europeu.

Quando não houver índice, a língua será o PB.

Para a glosa das sentenças em línguas que não o português, serão indicadas entre parênteses as classes gramaticais de algumas palavras (para clíticos e pronomes não-clíticos, também o caso), o gênero (quando não coincidir com o gênero em PB) e, para os verbos finitos, a pessoa gramatical (de P1 a P6). No caso dos nomes próprios (excetuando-se nomes de lugares), para evitar traduções, serão usadas somente suas iniciais nas glosas e nas sentenças equivalentes em português.

A tradução dessas sentenças será apresentada tendo como base o PB padrão.

A agramaticalidade será indicada pelo uso de asterisco (\*) diante da sentença; dúvidas no julgamento de gramaticalidade serão indicadas com os sinais ? ou ??.

(6)<sub>F</sub> a. Jean voit quelquefois **Marie**.

J. vê(P3) às-vezes M.

“O J. às vezes vê a M.”

b. Jean voit quelquefois **elle**.

J. vê(P3) às-vezes ela

“O J. às vezes vê ela.”

c. \*Jean voit quelquefois **la**.

J. vê(P3) às-vezes a(cl.acc.)

“\*O J. às vezes vê a.”

Como é possível ver nos quatro conjuntos de sentenças acima, em que são usados advérbios para separar o verbo dos elementos destacados<sup>5</sup>, um DP e um pronome tônico ocupam a posição de argumentos internos dos verbos em sentenças gramaticais (sentenças (a, b), respectivamente), o mesmo não acontecendo com o clítico acusativo. Dessa forma, todas as três sentenças (c) são agramaticais.

Considerando agora como argumentos internos um PP, as sentenças em (7-10) mostram o que ocorre com os complementos das preposições:

(7) a. O João dá uma bala sempre pra **Maria**.

b. O João dá uma bala sempre pra **ela**.

c. \*O João dá uma bala sempre pra **lhe**.

d. O João dá uma bala sempre pra **mim**.

e. \*O João dá uma bala sempre pra **me**.

(8)<sub>I</sub> a. Gianni dà una caramella sempre a **Maria**.

G. dá(P3) uma bala sempre a(preop.) M.

“O G. dá uma bala sempre à M.”

b. Gianni dà una caramella sempre a **lei**.

c. \*Gianni dà una caramella sempre a **le**.

d. Gianni dà una caramella sempre a **me**.

e. \*Gianni dà una caramella sempre a **mi**.

---

<sup>5</sup>Tal teste costuma ser usado na literatura da área para demarcar a fronteira entre VP e IP na derivação das sentenças. A posição à direita do advérbio é uma posição mais baixa na derivação, correspondendo a uma posição temática.

- (9)<sub>E</sub> a. Juan le da un caramelo siempre a **María**.  
J. lhe(cl.dat.) dá(P3) um bala(masc.) sempre a(prepos.) M.  
“O J. dá uma bala sempre à M.”
- b. Juan le da un caramelo siempre a **ella**.  
c. \*Juan le da un caramelo siempre a **le**.  
d. Juan me da un caramelo siempre a **mí**.  
e. \*Juan me da un caramelo siempre a **me**.
- (10)<sub>Fa</sub> Jean donne un bonbon toujours à **Marie**.  
J. dá(P3) um bala(masc.) sempre a(prepos.) M.  
“O J. dá uma bala sempre à M.”
- b. Jean donne un bonbon toujours à **elle**.  
c. \*Jean donne un bonbon toujours à **lui**.<sup>6</sup>  
d. Jean donne un bonbon toujours à **moi**.  
e. \*Jean donne un bonbon toujours à **me**.

As sentenças em (7-10) permitem verificar que, como complementos de preposições, somente são licenciados os DPs lexicais (sentenças (a)) e os pronomes tônicos (e, consequentemente, não-clíticos, sentenças (b, d)). Nas sentenças (b) se encontram os pronomes tônicos de terceira pessoa singular e, nas (d), de primeira. Os clíticos (no caso, dativos, posicionados após uma preposição) não podem ocorrer nessa posição, como as sentenças (c, e) mostram em todas as quatro línguas.

#### 2.1.1.2 Um clítico não ocorre em posição não-argumental

Será admitido para esse teste que os elementos topicalizados<sup>7</sup> nas sentenças ocupam uma posição não-A, assim como fez Kanthack (2002, p. 9):

---

<sup>6</sup> Em francês há também o pronome tônico *lui* (não-clítico), que corresponde a “ele” e faz com que a sentença seja gramatical. No entanto, aqui está sendo considerado o clítico dativo, que tem a mesma forma que aquele, o que justifica a agramaticalidade.

<sup>7</sup> Um constituinte topicalizado constitui uma informação claramente compartilhada pelos interlocutores da situação de comunicação. O tópico, em termos prosódicos, é marcado por uma pausa entre o elemento topicalizado e seu comentário, o que geralmente é representado graficamente pela vírgula. Dessa forma, o termo topicalizado recebe um destaque na sentença:

(i) a. Você tem visto o Alex?

- (11) a. **A Maria**, o João encontra sempre na escola.  
b. **Ela**, o João encontra sempre na escola.  
c. \***A**, o João encontra sempre na escola.
- (12)<sub>I</sub> a. **Maria**, Gianni la vede spesso.  
M. G. a(cl.acc.) vê(P3) frequentemente  
“A M., o G. a vê frequentemente.”  
b. **Lei**, Gianni la vede spesso.  
c. \***La**, Gianni la vede spesso.
- (13)<sub>Ea</sub> a. **A María**, Juan la encuentra siempre.  
a(prepos.) M. J. a(cl.acc.) encontra(P3) sempre  
“A M., o J. a encontra sempre.”  
b. **A ella**, Juan la encuentra siempre.  
c. \***La**, Juan la encuentra siempre.
- (14)<sub>Fa</sub> a. **Marie**, Jean la voit quelquefois.  
M. J. a(cl.acc.) vê(P3) às-vezes  
“A M., o J. às vezes a vê.”  
b. **Elle**, Jean la voit quelquefois.  
c. \***La**, Jean la voit quelquefois.

Mais uma vez, como indicado pelas sentenças agramaticais (c) de (11-14), o clítico não pode ocupar uma posição de tópico, ao contrário dos DPs lexicais (sentenças (a)) e dos pronomes tônicos (sentenças (b)); ou seja, os DPs lexicais e os pronomes não-clíticos podem ocupar posições não argumentais, ao contrário dos clíticos.

### 2.1.1.3 *Um clítico não pode ocorrer como um item isolado*

Como uma resposta curta a uma pergunta, por exemplo, os DPs e os pronomes tônicos podem ser usados (como nas sentenças (a) e (b), respectivamente, de (15-18)),

---

b. [<sub>Top</sub> O Alex], eu encontrei com ele na festa ontem.



porém não os clíticos. Isso porque eles não podem ser foco de informação<sup>8</sup>, como atestam as sentenças (c) dos quatro grupos:

- (15) a. Quem você viu na festa? **O João**.  
b. Quem você viu na festa? **Ele**. / **Você**.  
c. Quem você viu na festa ? **\*O**. / **\*Te**.

- (16)<sub>I</sub> a. Chi hai visto? **Gianni**.  
quem tens(P2) visto / G.  
“Quem você viu?” “O G.”  
b. Chi hai visto? **Lui**. / **Te**.  
c. Chi hai visto? **\*Lo**. / **\*Ti**.

- (17)<sub>Ea</sub>. ¿A quién viste? **A Juan**.  
a(preop.) quem viste(P2) / a(preop.) J.  
“Quem você viu?” “O J.”  
b. ¿A quién viste? **A él**. / **A ti**.  
c. ¿A quién viste? **\*Lo(\*Le)**. / **\*Te**.

- (18)<sub>Fa</sub>. Qui as-tu vu ? **Jean**.  
quem tens(P2)-tu visto / J.  
“Quem você viu?” “O J.”  
b. Qui as-tu vu ? **Lui**. / **Toi**.  
c. Qui as-tu vu ? **\*Le**. / **\*Te**.

---

<sup>8</sup> Pode-se considerar que uma parte do enunciado (um sintagma, um constituinte lexical, uma sílaba, um grupo entoacional ou parte dele) se encontra focalizado se a informação que ele fornece não está pressuposta no contexto de comunicação em que tal enunciado se encontra. Um exemplo de par pergunta-resposta, em que se verifica focalização na resposta, é apresentado a seguir:

- (i) a. Quem a Maria beijou?  
b. A Maria beijou [<sub>Foc</sub> o Alex].

Como se nota em (i), é o contexto que possibilita a identificação do foco em uma sentença (a partir do emprego do operador interrogativo “quem” em (ia)). Em termos de prosódia, o foco será marcado por algum tipo de acentuação.

Uma vez que o foco, de modo geral, veicula informação não pressuposta no contexto, atribuindo um valor a uma variável geralmente ligada a um operador interrogativo, a parte do enunciado (ou do contexto) que é dada como pressuposta pelos interlocutores é, justamente, a pressuposição. Em (i), pode-se dizer que a pressuposição é “A Maria beijou alguém.”

Nos quatro grupos acima, as respostas nas sentenças (b) contêm pronomes tônicos (não-clíticos) de terceira e de segunda pessoas do singular (P3 e P2); as respostas (c), clíticos nas mesmas pessoas.

#### 2.1.1.4 *Um clítico não pode ser coordenado*

Os grupos (19-22) revelam que o clítico não pode ser coordenado com um DP lexical (sentenças (a)), com um pronome não-clítico (sentenças (b)) ou com outro clítico (sentenças (c)). Ao contrário, pode haver naturalmente coordenação entre dois DPs (sentenças (d)), entre dois pronomes não-clíticos (sentenças (e)) ou entre um DP e um pronome não-clítico (sentenças (f)):

(19) a. \*O Pedro emprestou-**me** e **para a Maria** o livro.

b. \*O Pedro emprestou-**me** e **para ela** o livro.

c. \*O Pedro **me** e **lhe** emprestou o livro.

d. O Pedro emprestou o livro para **o João e a Maria**.

e. O Pedro emprestou o livro para **ele e ela**.<sup>9</sup>

f. O Pedro emprestou o livro para **o João e ela**.

(20)<sub>I</sub> a. \*Gianni **mi** ha prestato il libro e **a Maria**.

G. me(cl.dat.) tem(P3) emprestado o(art.) livro e a(predp.) M.

“O G. me emprestou o livro e para a M.”

b. \*Gianni **mi** ha prestato il libro e **a lei**.

c. \*Gianni **mi** e **le** ha prestato il libro.

d. Gianni ha prestato il libro **a Maria e a Pietro**.

e. Gianni ha prestato il libro **a lei e a lui**.

f. Gianni ha prestato il libro **a Maria e a lui**.

---

<sup>9</sup> Há em PB, no entanto, uma assimetria entre os pronomes de terceira pessoa (P3 e P6) e os demais, uma vez que uma sentença como (i) teria sua aceitabilidade no mínimo duvidosa:

(i) ?O Pedro emprestou o livro para eu e (para) ela.

Hantack (2002, p. 114) propõe essa assimetria também para os clíticos (para detalhes, consultar a referida obra).

- (21)<sub>EA</sub>. \*Juan **me** prestó el libro y **a María**.  
J. me(cl.dat.) emprestou(P3) o(art.) livro e a(preop.) M.  
“O J. me emprestou o livro e para a M.”
- b. \*Juan **me** prestó el libro y **a ella**.  
c. \*Juan **me y le** prestó el libro.  
d. Juan les prestó el libro **a María y a Pedro**.  
J. lhes(cl.dat.) emprestou(P3) o(art.) livro a(preop.) M. e a(preop.) P.  
“O J. emprestou o livro para a M. e para o P.”
- e. Juan les prestó el libro **a ella y a él**.  
f. Juan les prestó el libro **a María y a él**.
- (22)<sub>FA</sub>. \*Jean **m'a** prété le livre et **à Marie**.  
J. me(cl.dat.) tem(P3) emprestado o(art.) livro e a(preop.) M.  
“O J. me emprestou o livro e à M.”
- b. \*Jean **m'a** prété le livre et **à elle**.  
c. \*Jean **me** et **lui** a prété le livre.  
d. Jean a prété le livre **à Marie et à Pierre**.  
e. Jean a prété le livre **à elle et à lui**.  
f. Jean a prété le livre **à Marie et à lui**.

#### 2.1.1.5 *Um clítico não pode receber acento contrastivo*

Um clítico não pode veicular foco contrastivo, recebendo, assim, acento. Isso é exemplificado nas sentenças (a, b) de (23-26). Ao contrário, os DPs e os pronomes não-clíticos podem ser acentuados, como nas sentenças (c, d, e, f) destes grupos (o uso das maiúsculas indica a acentuação ou focalização contrastiva):

- (23) a. \*O João **ME** emprestou o livro, e não **TE** emprestou.  
b. \*O João **ME** viu, e não **O** viu.  
c. O João emprestou o livro para **MIM**, e não para **ELE**.  
d. O João emprestou o livro para **A MARIA**, e não para **O PEDRO**.  
e. O João viu a **MIM**, e não **VOCÊS**.  
f. O João viu **A MARIA**, e não **O PEDRO**.

- (24)<sub>I</sub> a. \*Gianni **MI** ha prestato il libro, e non **GLIEL'**ha prestato.  
G. me(cl.dat.) tem(P3) emprestado o(art.) livro e não lhe(cl.dat.)-  
o(cl.acc.)-tem(P3) emprestado  
“\*O G. ME emprestou o livro, e não LHE emprestou.”
- b. \*Gianni **MI** ha visto, e non **LA** ha vista.  
G. me(cl.acc.) tem(P3) visto e não a(cl.acc.) tem(P3) vista  
“\*O G. ME viu, e não A viu.”
- c. Gianni ha prestato il libro **A ME**, e non **A LEI**.
- d. Gianni ha prestato il libro **A MARIA**, e non **A PIETRO**.
- e. Gianni ha visto **ME**, e non **LEI**.
- f. Gianni ha visto **MARIA** e non **PIETRO**.
- (25)<sub>E</sub>a. \*Juan **ME** prestó el libro, y no **SE LO** prestó.  
J. me(cl.dat.) emprestou(P3) o(art.) livro e não lhe(cl.dat.) o(cl.acc.) em-  
prestou(P3)  
“\*O J. ME emprestou o livro, e não LHE emprestou.”
- b. \*Juan **ME** vio, y no **LA** vio.  
J. me(cl.acc.) viu(P3) e não a(cl.acc.) viu(P3)  
“\*O J. ME viu, e não A viu.”
- c. Juan me prestó el libro **A MÍ**, y no **A ELLA**.
- d. Juan le prestó el libro **A MARÍA**, y no **A PEDRO**.
- e. Juan me vio **A MÍ**, y no **A ELLA**.
- f. Juan la vio **A MARÍA**, y no **A PEDRO**.
- (26)<sub>F</sub>a. \*Jean **M'**a prêté le livre, et ne **LE LUI** a pas prêté.  
J. me(cl.dat.)-tem(P3) emprestado o(art.) livro e não o(cl.acc.) lhe(cl.dat.)  
tem(P3) não emprestado  
“\*O J. ME emprestou o livro, e não LHE emprestou.”
- b. \*Jean **M'**a vu, et ne **L'**a pas vue.  
J. me(cl.acc.)-tem(P3) visto e não a(cl.acc.)-tem(P3) não vista  
“\*O J. ME viu, e não A viu.”
- c. Jean a prêté le livre **À MOI**, et pas **À ELLE**.
- d. Jean a prêté le livre **À MARIE**, et pas **À PIERRE**.
- e. Jean a vu **MOI**, et pas **ELLE**.
- f. Jean a vu **MARIE**, et pas **PIERRE**.

Em (23-26) foram empregados os clíticos dativos (ou combinados/contraídos) nas sentenças (a) e os acusativos nas sentenças (b).

Como Kanthack (2002, p. 11) menciona, para alguns falantes de PB uma sentença como (23a) poderia ser considerada aceitável, ainda que esteja sendo assumido que o clítico não pode receber acento contrastivo. Entretanto, quando submetidas as sentenças (24-26) aos informantes nativos para as demais línguas, todos concordaram com a agramaticalidade quando era considerada a focalização no clítico.

#### 2.1.1.6 *Um clítico não pode ser modificado*

Os DPs lexicais e os pronomes não-clíticos podem ser modificados por advérbios associados ao foco, como “somente” e “também” (como é possível verificar nas sentenças (a, b, d, e) de (27-30)), o que não acontece com os clíticos (sentenças (c, f)):

- (27) a. O João viu somente **o Pedro**.  
b. O João viu somente **ele**.  
c. \*O João viu somente **o**.  
d. O João levou à festa também **a Maria**.  
e. O João levou à festa também **ela**.  
f. \*O João levou à festa também **a**.
- (28)<sub>I</sub> a. Gianni ha visto soltanto **Pietro**.  
G. tem(P3) visto somente P.  
“O G. viu somente o P.”  
b. Gianni ha visto soltanto **lui**.  
c. \*Gianni ha visto soltanto **lo**.  
d. Gianni ha portato alla festa anche **Maria**.  
G. tem(P3) levado a(preparação)-a(artigo) festa também M.  
“O G. levou para a festa a M. também.”  
e. Gianni ha portato alla festa anche **lei**.  
f. \*Gianni ha portato alla festa anche **la**.

(29)<sub>Ea</sub>. Juan vio solo **a Pedro**.

J. viu(P3) somente a(prepar.) P.

“O J. viu só o P.”

b. Juan vio solo **a él**.

c. \*Juan vio solo **lo**.

d. Juan llevó a la fiesta también **a María**.

J. levou(P3) a(prepar.) a(art.) festa também a(prepar.) M.

“O J. levou para a festa a M. também.”

e. Juan llevó a la fiesta también **a ella**.

f. \*Juan llevó a la fiesta también **la**.

(30)<sub>Fa</sub>. Jean a vu seulement **Pierre**.

J. tem(P3) visto somente P.

“O J. viu só o P.”

b. Jean a vu seulement **lui**.

c. \*Jean a vu seulement **le**.

d. Jean a amené à la fête **Marie** aussi.

J. levou(P3) a(prepar.) a(art.) festa M. também

“O J. levou para a festa a M. também.”

e. Jean a amené à la fête **elle** aussi.

f. \*Jean a amené à la fête **la** aussi.

Aqui se concluem os testes que mostram que os clíticos não compartilham as propriedades que os DPs lexicais e os pronomes não-clíticos possuem. Na seção seguinte, será realizado o contrário: serão analisadas as posições que os clíticos podem ocupar na sentença e para as quais os DPs e os pronomes não clíticos não são licenciados.

### **2.1.2 Os DPs lexicais e os pronomes não-clíticos não se comportam como os clíticos**

A seguir poderá ser verificado que as propriedades atribuídas aos clíticos não são verificadas para os DPs lexicais e pronomes não-clíticos que possam corresponder aos clíticos em questão.

2.1.2.1 *A posição de um clítico objeto antes do verbo finito é imprópria para um DP lexical (ou PP) ou para um pronome não-clítico*

Conforme é possível ver em (31-34), somente o clítico é licenciado na posição pré-verbal, de tal forma que somente as sentenças (a, d) são gramaticais nas línguas analisadas:

- (31) a. O Pedro **a** beijou na festa.  
b. \*O Pedro **a Maria** beijou na festa.  
c. \*O Pedro **ela** beijou na festa.  
d. O Pedro **lhe** emprestou o livro.  
e. \*O Pedro **à Maria** emprestou o livro.  
f. \*O Pedro **a ela** emprestou o livro.
- (32)<sub>I</sub> a. Gianni **l'**ha incontrata per strada.  
G. a(cl.acc.)-tem(P3) encontrada por(prepar.) rua  
“O G. a encontrou na rua.”  
b. \*Gianni **Maria** ha incontrato per strada.  
c. \*Gianni **lei** ha incontrato per strada.  
d. Gianni **le** ha prestato il libro.  
G. lhe(cl.dat.) tem(P3) emprestado o(art.) livro  
“O G. lhe emprestou o livro.”  
e. \*Gianni **a Maria** ha prestato il libro.  
f. \*Gianni **a lei** ha prestato il libro.
- (33)<sub>E</sub>a. Juan **la** vio por la calle.  
J. a(cl.acc.) viu(P3) por(prepar.) a(art.) rua  
“O J. a viu na rua.”  
b. \*Juan **a María** vio por la calle.  
c. \*Juan **a ella** vio por la calle.  
d. Juan **le** prestó el libro.  
J. lhe(cl.dat.) emprestou(P3) o(art.) livro  
“O J. lhe emprestou o livro.”  
e. \*Juan **a María** prestó el libro.  
f. \*Juan **a ella** prestó el libro.

- (34)<sub>Fa</sub>. Jean **l'**a trouvée dans la rue.  
J. a(cl.acc.)-tem(P3) encontrada dentro a(art.) rua  
“O J. a encontrou na rua.”
- b. \*Jean **Marie** a trouvée dans la rue.  
c. \*Jean **elle** a trouvée dans la rue.  
d. Jean **lui** a prêté le livre.  
J. lhe(cl.dat.) tem(P3) emprestado o(art.) livro  
“O J. lhe emprestou o livro.”
- e. \*Jean **à Marie** a prêté le livre.  
f. \*Jean **à elle** a prêté le livre.

Nos quatro grupos acima, nas sentenças (a, b, c) foram considerados clíticos, DPs/PPs e pronomes não-clíticos na função de objeto direto e, nas sentenças (d, e, f), na função de objeto indireto.

2.1.2.2 *A posição intermediária de um grupo verbal ocupada pelo clítico também é imprópria para um DP lexical ou um pronome não-clítico*

Esta é uma propriedade que não pode ser verificada de maneira uniforme em todas as línguas aqui analisadas, uma vez que em algumas delas o clítico não é licenciado na posição intermediária do grupo verbal. Assim sendo, inicialmente serão apresentados nos grupos de sentenças (35-37) os exemplos para o PB:

- (35) a. O Pedro está **me** incomodando muito.  
b. \*O Pedro está **a Maria** incomodando muito.  
c. \*O Pedro está **ela** incomodando muito.
- (36) a. O teu irmão deverá **me** visitar no mês que vem.  
b. \*O teu irmão deverá **a Maria** visitar no mês que vem.  
c. \*O teu irmão deverá **ela** visitar no mês que vem.



- (37) a. O João tinha **me** visto na festa.  
b. \*O João tinha **a Maria** visto na festa.  
c. \*O João tinha **ela** visto na festa.

Ao realizar esse teste, Kanthack (2002, p. 14) conclui que somente o clítico pode ocupar a posição intermediária em uma perífrase verbal, ou seja, estar diante do gerúndio (35a), do infinitivo (36a) ou do particípio (37a) nas construções com dois verbos (e estar acoplado a essas formas verbais). Os DPs lexicais (sentenças (b) de (35-37)) e os pronomes não-clíticos (sentenças (c)) não são licenciados nessas posições.

Esse teste não pode ser realizado em italiano e em espanhol porque, nessas línguas, o clítico somente pode ocupar as posições após o segundo verbo ou, às vezes, diante do primeiro (em casos de sequências verbais em que o primeiro verbo é funcional, possibilitando assim o alçamento do clítico<sup>10</sup>). Isso pode ser verificado nas sentenças em (38-43):

- (38)<sub>I</sub> a Gianni **le** sta dicendo la verità.  
G. lhe(cl.dat.) está(P3) dizendo a(art.) verdade  
“O G. está lhe dizendo a verdade.”  
b. \*Gianni sta **le** dicendo la verità.  
c. Gianni sta dicend**ole** la verità.  
(39)<sub>I</sub> a Gianni **la** può visitare quando vuole.  
G. a(cl.acc.) pode(P3) visitar quando quer(P3)  
“O G. pode visitá-la quando quiser.”  
b. \*Gianni può **la** visitare quando vuole.  
c. Gianni può visitar**la** quando vuole.

---

<sup>10</sup> O alçamento do clítico é, para efeitos deste trabalho, o principal fenômeno de transparência que indica a aplicação da regra de reestruturação. O fenômeno da reestruturação é verificado em sequências verbais em que o segundo verbo (o mais encaixado) é infinitivo e o verbo matriz é um verbo funcional, geralmente um verbo modal, aspectual ou de movimento. Dessa forma, tem-se na sentença não uma estrutura bifrasal, mas sim monofrasal, constituindo um único domínio. No alçamento do clítico, esse elemento pode “subir” da sua posição acoplado ao verbo mais encaixado para a posição na qual se acopla ao verbo matriz. Entretanto, tal fenômeno não é verificado em todas as línguas, como ocorre no francês, que não apresenta alçamento do clítico (e o PB tem perdido essa característica). Mais detalhes sobre a reestruturação sentencial podem ser obtidos em Cinque (2006).

- (40)<sub>I</sub>a Gianni **I'**aveva incontrata alla festa.  
G. a(cl.acc.) tinha(P3) encontrada a(preop.)-a(art.) festa  
“O G. a tinha encontrado na festa.”  
b. \*Gianni aveva **I'**incontrata alla festa.  
c. \*Gianni aveva incontrata**la** alla festa.
- (41)<sub>E</sub>a. Juan **le** está diciendo la verdad.  
J. lhe(cl.dat.) está(P3) dizendo a(art.) verdade  
“O J. está lhe dizendo a verdade.”  
b. \*Juan está **le** diciendo la verdad.  
c. Juan está diciénd**ole** la verdad.
- (42)<sub>E</sub>a. Juan **la** puede visitar cuando quiera.  
J. a(cl.acc.) pode(P3) visitar quando quiser(P3)  
“O J. pode visitá-la quando quiser.”  
b. \*Juan puede **la** visitar cuando quiera.  
c. Juan puede visitar**la** cuando quiera.
- (43)<sub>E</sub>a. Juan **la** había encontrado en la fiesta.  
J. a(cl.acc.) tinha(P3) encontrado em a(art.) festa  
“O J. a tinha encontrado na festa.”  
b. \*Juan había **la** encontrado en la fiesta.  
c. \*Juan había encontrá**ola** en la fiesta.

Como é possível concluir pela observação das sentenças nos seis grupos acima, nem o italiano nem o espanhol licenciam o clítico entre os verbos (dada a agramaticalidade de todas as sentenças (b) nesses grupos). Nas duas línguas, o clítico pode assumir a posição antes do primeiro verbo (sentenças (a)), mas a posição após o segundo verbo é licenciada somente se esse verbo estiver no gerúndio (sentenças (38c, 41c)) ou no infinitivo (sentenças (39c, 42c)).

Em francês não é possível a construção perifrástica com gerúndio, como acontece em português, em italiano e em espanhol. Assim, o teste da posição do clítico entre um verbo finito e um gerúndio não pode ser realizado em francês (já que esta construção não existe nessa língua). Em (44, 45) são apresentados os testes para sentenças com construções verbais envolvendo infinitivo e particípio passado em francês:

(44)<sub>FA</sub> \*Jean **la** peut visiter quand il le voudra.

J. a(cl.acc.) pode(P3) visitar quando ele(nom.) o(cl.acc.) quererá(P3)

“O J. pode visitá-la quando ele quiser.”

b. Jean peut **la** visiter quand il le voudra.

c. \*Jean peut visiter **la** quand il le voudra.

(45)<sub>FA</sub> Jean **l'**avait rencontrée à la fête.

J. a(cl.acc.) tinha(P3) encontrada a(prepos.) a(art.) festa

“O J. a tinha encontrado na festa.”

b. \*Jean avait **la** rencontrée à la fête.

c. \*Jean avait rencontrée **la** à la fête.

Dessa forma, em francês, o clítico somente pode se encontrar entre dois verbos quando houver um verbo finito e um infinitivo (como em (44b)) e somente diante do primeiro verbo quando se tratar de um verbo auxiliar e um particípio passado (como em (45a)).

Sendo o francês, assim como o PB, uma língua que licencia clíticos entre verbos, o teste descrito no título desta seção (2.1.2.2) pode ser aplicado nessa língua:

(46)<sub>FA</sub> Jean peut **la** visiter quand il le voudra.

J. pode(P3) a(cl.acc.) visitar quando ele(nom.) o(cl.acc.) quererá(P3)

“O J. pode visitá-la quando ele quiser.”

b. \*Jean peut **Marie** visiter quand il le voudra.

c. \*Jean peut **elle** visiter quand il le voudra.

Como é possível verificar, o teste em francês confirma o resultado previsto: somente um clítico pode ocupar a posição entre verbos, dada a gramaticalidade de (46a) e a agramaticalidade de (46b, c).

Apesar das assimetrias notadas acima no que se refere ao posicionamento do clítico em relação a sentenças contendo sequências verbais nas línguas analisadas, é possível concluir o seguinte: se algum elemento for licenciado em uma posição intermediária (entre verbos) em uma língua, em um determinado contexto, somente o clítico poderá ser esse elemento; DPs lexicais e pronomes não-clíticos não poderão ocorrer entre verbos.

### 2.1.2.3 *A posição pós-verbal de um clítico é diferente da posição de um DP lexical ou de um pronome não-clítico*

Essa é uma propriedade que não pode ser verificada tão facilmente em algumas línguas como o é em português, pois, naquelas, dependendo da situação, o clítico não é licenciado após o verbo (em ênclise, à direita do verbo). Assim sendo, são apresentados em (47) exemplos no PB, baseados em Kanthack (2002, p. 15):

- (47) a. ?A Joana quer abraçar-**me** sempre.  
a'. \*A Joana quer abraçar sempre **me**.  
b. A Joana quer abraçar **o João** sempre.  
b'. A Joana quer abraçar sempre **o João**.  
c. A Joana quer abraçar **ele** sempre.  
c'. A Joana quer abraçar sempre **ELE** (e não aquele outro).

Com o teste efetuado em sentenças com estrutura idêntica às de (47), Kanthack (2002, p. 15) conclui que, em posição pós-verbal em PB, o clítico deve sempre estar adjacente ao verbo, como comprova a agramaticalidade de (47a'), pois o clítico não pode se encontrar separado do verbo (no caso, pelo advérbio “sempre”). Já os DPs lexicais e os pronomes podem se encontrar adjacentes ao verbo ou separados dele por outros elementos (por exemplo, por um advérbio, como confirma a gramaticalidade de (47b, b', c, c')).

Nas demais línguas consideradas aqui, esse teste só pode ser realizado em determinadas condições, pois a ênclise é licenciada diferentemente em cada língua. Quando se tem somente um verbo finito (no indicativo ou no subjuntivo, em geral), em nenhuma das três línguas pode haver ênclise, sendo possível somente a próclise, como atestado em (48-50):

- (48)<sub>I</sub> a Gianni **le** telefona tutti i giorni.  
G. lhe(cl.dat.) telefona(P3) todos os(art.) dias  
“O G. telefona para ela todos os dias.”  
b. \*Gianni telefona **le** tutti i giorni.
- (49)<sub>Ea</sub> Juan **le** telefona todos los días.  
J. lhe(cl.dat.) telefona(P3) todos os(art.) dias  
“O J. telefona para ele(a) todos os dias.”  
b. \*Juan telefona **le** todos los días.
- (50)<sub>Fa</sub> Jean **lui** téléphone tous les jours.  
J. lhe(cl.dat.) telefona(P3) todos os(art.) dias  
“O J. telefona para ele(a) todos os dias.”  
b. \*Jean téléphone **lui** tous les jours.

Dada a especificidade das línguas consideradas com relação ao licenciamento do clítico na posição pós-verbal, na sequência o teste será executado somente em italiano. Nessa língua, a ênclise só é possível:

1. quando há na sentença uma sequência verbal com dois verbos, sendo o segundo um gerúndio ou um infinitivo (como visto na seção anterior, em (38c, 39c, 40c));
2. quando o verbo da sentença se encontra no imperativo (afirmativo ou negativo), em algumas pessoas;
3. com as formas impessoais utilizadas sozinhas (infinitivo, gerúndio e participípio).

Sendo assim, as sentenças em (51-53) ilustram os testes para o italiano, nestas condições:

- (51)<sub>I</sub> a. Gianni vuole veder**la** sempre.  
G. quer(P3) ver-a(cl.acc.) sempre  
“G. quer vê-la sempre.”  
a'. \*Gianni vuole vedere sempre **la**.  
b. Gianni vuole vedere **Maria** sempre.  
b'. Gianni vuole vedere sempre **Maria**.  
c. ?Gianni vuole vedere **lei** sempre.  
c'. Gianni vuole vedere sempre **lei**.
- (52)<sub>I</sub> a. Ascolta**lo** sempre! / Non ascoltar**lo** mai!  
escuta(P2)-o(cl.acc.) sempre / não escutes(P2)-o(cl.acc.) nunca  
“Escuta-o sempre!” / “Não o escutes nunca!”  
a'. \*Ascolta sempre **lo**! / \*Non ascoltare mai **lo**!  
b. Ascolta **Gianni**, sempre! / Non ascoltare **Gianni**, mai!  
b'. Ascolta sempre **Gianni**! / Non ascoltare mai **Gianni**!  
c. Ascolta **lui**, sempre! / Non ascoltare **lui**, mai!  
c'. Ascolta sempre **lui**! / Non ascoltare mai **lui**!
- (53)<sub>I</sub> a. Gianni raccontava l'accaduto guardando**la** fissamente.  
G. contava(P3) o(art.) acontecido olhando-a(cl.acc.) fixamente  
“O G. estava contando a estória olhando-a fixamente.”  
a'. \*Gianni raccontava l'accaduto guardando fissamente **la**.  
b. Gianni raccontava l'accaduto guardando **Maria** fissamente.  
b'. Gianni raccontava l'accaduto guardando fissamente **Maria**.  
c. Gianni raccontava l'accaduto guardando **lei** fissamente.  
c'. Gianni raccontava l'accaduto guardando fissamente **lei**.

Como se pode ver em (51-53), os mesmos resultados que Kanthack (2002, p. 15) encontrou para o PB são verificados no italiano: na posição pós-verbal, somente o clítico não pode ser separado do verbo por outro elemento (no caso, por um advérbio), tendo que permanecer adjacente a esse verbo (como atestam a gramaticalidade das sentenças

(a) e a agramaticalidade das sentenças (a')). Para os DPs lexicais e os pronomes não-clíticos, no entanto, há a possibilidade de ocorrerem separados do verbo por outro elemento sentencial, como mostram as sentenças (b, b', c, c').

Com base nos testes realizados anteriormente, é possível concluir que a posição que os clíticos ocupam é imprópria para os DPs lexicais e para os pronomes não-clíticos, assim como estes dois últimos ocupam posições impróprias para os clíticos. Na seção seguinte, ainda seguindo o que foi realizado por Kanthack (2002, p. 16-21), serão realizados outros testes, com o objetivo de comprovar que os clíticos apresentam comportamento nuclear.

### 2.1.3 O clítico é um núcleo

Com base em todos os testes executados nas seções anteriores, é possível concluir que, assim como assume Sportiche (1998), os clíticos são núcleos que necessitam de uma base verbal para se incorporar, conclusão a que Rizzi (2000, p. 108) também chega. Já os DPs lexicais e os pronomes não-clíticos são considerados projeções máximas, o que justifica a diferença de comportamento verificada entre eles e os clíticos.

A seguir serão realizados mais testes para confirmar o caráter de núcleo dos clíticos.

#### 2.1.3.1 O clítico necessita de uma base verbal à qual possa se incorporar

Por ser um elemento átono, o clítico deve ocorrer adjacente a uma outra palavra. Mas essa palavra não pode ser de qualquer natureza. A seguir é apresentado o teste para o PB, considerando sentenças com um e com dois verbos (adaptado de KANTHACK, 2002, p. 17), as quais se encontram em (54, 55):

- (54) a. O meu pai **me** mandava flores.  
b. \*O meu pai-**me** mandava flores.  
c. ?O meu pai mandava-**me** flores.  
d. \*O meu pai mandava **me** flores.  
e. \*O meu pai mandava flores-**me**.

- (55) a. O meu pai podia **me** mandar flores.  
b. ?O meu pai podia mandar-**me** flores.  
c. \*O meu pai podia-**me** mandar flores.  
d. ??O meu pai **me** podia mandar flores.  
e. \*O meu pai-**me** podia mandar flores.  
f. \*O meu pai podia mandar **me** flores.

Nas sentenças dos dois grupos acima, quando considerada a ênclise a um termo, emprega-se um hífen, o qual não é usado se está sendo considerada a próclise. Assim, Kanthack (2002, p. 17) chega à conclusão de que, em PB, os clíticos somente podem ocorrer adjacentes a um verbo, como constatado para o verbo *mandar* em (54a), em que se tem a próclise, e em (54c), onde há ênclise para esse mesmo verbo (não pode haver adjacência do clítico a um substantivo, como verificado pela agramaticalidade das sentenças (54b, d, e) em relação aos nomes *pai* e *flores*). Quando há dois verbos (uma sequência verbal), como em (55), a autora conclui que o clítico pode se colocar em ênclise ou em próclise em relação ao segundo verbo (sentenças (55a, b)) ou em próclise com relação ao primeiro (sentença (55d)), ainda que haja dúvidas quanto à aceitabilidade de (55b, d) em PB (mas essas duas últimas sentenças são completamente aceitáveis em PE). Qualquer outra possibilidade é considerada agramatical em PB (como em (55c, e, f)).

As demais línguas consideradas aqui revelam especificidades no posicionamento do clítico em relação ao verbo, como já indicado nos testes realizados na Seção 2.1.2.<sup>11</sup> Em (56-58) é realizado o teste para essas línguas, considerando-se um único verbo finito nas sentenças:

- (56)<sub>I</sub> a. Mia madre **mi** – dava dei baci.<sup>12</sup>  
minha mãe me(cl.dat.) dava(P3) uns(part.) beijos  
“A minha mãe me dava beijos.”

---

<sup>11</sup> Para mais detalhes acerca das especificidades de colocação dos clíticos nas línguas consideradas neste trabalho, consulte-se Oliveira (2016, p. 82-84).

<sup>12</sup> Nas sentenças gramaticais dos grupos (56-58), o traço maior e entre espaços ( – ) indica que o clítico não é escrito junto à base considerada. Por exemplo:

(i)<sub>I</sub> Mia madre **mi** – **dava** dei baci. (56a) = Mia madre **mi dava** dei baci.



- b. \*Mia madre-**mi** dava dei baci.
- c. \*Mia madre dava **mi**-dei baci.
- d. \*Mia madre dava dei-**mi** baci.
- e. \*Mia madre dava dei **mi**-baci.
- f. \*Mia madre dava dei baci-**mi**.

(57)<sub>E</sub>a. Mi madre **me** – daba besos.

minha mãe me(cl.dat.) dava(P3) beijos

“A minha mãe me dava beijos.”

- b. \*Mi madre-**me** daba besos.
- c. \*Mi madre daba **me**-besos.
- d. \*Mi madre daba besos-**me**.

(58)<sub>F</sub>a. Ma mère **me** – donnait des bisous.

minha mãe me(cl.dat.) dava(P3) uns(part.) beijos

“A minha mãe me dava beijos.”

- b. \*Ma mère-**me** donnait des bisous.
- c. \*Ma mère donnait **me**-des bisous.
- d. \*Ma mère donnait des-**me** bisous.
- e. \*Ma mère donnait des **me**-bisous.
- f. \*Ma mère donnait des bisous-**me**.

Os três grupos de sentenças acima revelam que, nas três línguas, o clítico somente pode ter por base um verbo, ao qual ele deve permanecer adjacente. Em italiano (sentenças em (56)) e em francês (sentenças em (58)) é possível notar que o clítico não pode ter por base nem um substantivo (sentenças (b, e, f)), nem o partitivo que pode ser usado diante desse termo (sentenças (c, d)). Em espanhol, por não haver partitivos, nas sentenças em (57) foi testado somente o substantivo como base, em (b, c, d), o que também levou a concluir que o substantivo não serve como base para o clítico.

Além de se incorporar somente a um verbo, o clítico não pode se encontrar separado deste, de forma que entre eles não pode haver outro elemento, como um advérbio, por exemplo. Esse é o próximo teste a ser realizado.

2.1.3.2 *Um advérbio não pode ocorrer entre o clítico e o verbo*

De acordo com Kanthack (2002, p. 18-19) e como indicado indiretamente acima (nos testes da Seção 2.1.2.3), não é possível que um advérbio se posicione entre o clítico e sua base verbal, à qual ele se encontra incorporado.

Na obtenção de exemplos para a realização desse teste, serão incluídos advérbios a sentenças gramaticais dos grupos (54-58). Isso porque nesses grupos já foram identificadas as bases verbais (em itálico em (59-62)) às quais os clíticos estão incorporados.

- (59) a. O meu pai sempre **me** *mandava* flores.  
b. \*O meu pai **me** sempre *mandava* flores.  
c. O meu pai podia sempre **me** *mandar* flores.  
d. \*O meu pai podia **me** sempre *mandar* flores.
- (60)<sub>I</sub> a. Mia madre **mi** *dava* sempre dei baci.  
minha mãe me(cl.dat.) *dava*(P3) sempre uns(part.) beijos  
“A minha mãe sempre me *dava* beijos.”  
b. \*Mia madre **mi** sempre *dava* dei baci.  
c. Mia madre **mi** *voleva* sempre dare dei baci.  
d. \*Mia madre **mi** sempre *voleva* dare dei baci.  
e. Mia madre *voleva* sempre *darmi* dei baci.  
f. \*Mia madre *voleva* *dare* sempre **mi** dei baci.
- (61)<sub>E</sub> a. Mi madre siempre **me** *daba* besos.  
minha mãe sempre me(cl.dat.) *dava*(P3) beijos  
“A minha mãe sempre me *dava* beijos.”  
b. \*Mi madre **me** siempre *daba* besos.  
c. Mi madre siempre **me** *quería* dar besos.  
d. \*Mi madre **me** siempre *quería* dar besos.  
e. Mi madre siempre *quería* *darme* besos.  
f. \*Mi madre *quería* *dar* siempre **me** besos

- (62)<sub>Fa</sub>. Ma mère **me** *donnait* toujours des bisous.  
minha mãe me(cl.dat.) dava(P3) sempre uns(part.) beijos  
“A minha mãe sempre me dava beijos.”
- b. \*Ma mère **me** toujours *donnait* des bisous.  
c. Ma mère voulait toujours **me** *donner* des bisous.  
d. \*Ma mère voulait **me** toujours *donner* des bisous.

As sentenças nos quatro grupos acima comprovam que o clítico não pode estar separado de sua base por um advérbio, pois está incorporado a essa base (um verbo). Sempre que essa separação acontece, a sentença se torna agramatical, como indicado nas sentenças (b, d, f) desses grupos.

Continuando os testes para a confirmação do caráter nuclear do clítico, na próxima seção será considerada a impossibilidade de o clítico se posicionar à esquerda de uma negação sentencial.

### 2.1.3.3 O clítico não pode ser linearizado à esquerda de uma negação sentencial

Mioto (1992, p. 68ss.) afirma que o *não* é um núcleo que está sempre adjacente a um verbo. Somente um elemento de natureza nuclear pode se posicionar entre o verbo e a negação, sendo esta o núcleo mais à esquerda do complexo. Dessa forma, admitindo o caráter nuclear do clítico, este não pode “pular” a negação e se posicionar à esquerda dela. Kanthack (2002, p. 19) menciona que esse argumento é construído a partir do alçamento do clítico, no qual o clítico se move de uma sentença para outra mais alta, como no exemplo fornecido pela autora em (63):

- (63) a. A Maria podia **te** ajudar nos trabalhos da escola.  
b. ??A Maria **te** podia ajudar nos trabalhos da escola.  
(KANTHACK, 2002, p. 19)

Com a presença da negação no verbo mais encaixado, o clítico não poderia pular essa negação, como a autora exemplifica em (64):

- (64) a. A Maria podia não **te** ajudar nos trabalhos da escola.  
b. \*A Maria **te** podia não ajudar nos trabalhos da escola.

(KANTHACK, 2002, p. 20)

A presença da negação no verbo mais encaixado (como em (64)) comprova que aí se tem um domínio ao qual o primeiro verbo da sequência verbal não pertence, o que invalida também o alçamento do clítico indicado em (64b).

A execução desse teste nas demais línguas é apresentada em (65-67). Nesses grupos, as sentenças (a, b) são construídas com a negação no verbo mais alto, mas as (b) apresentam alçamento do clítico; as (c, d) apresentam a negação no verbo mais encaixado, sendo que as (d) apresentam o movimento do clítico por sobre a negação.

- (65)<sub>I</sub> a. Mia sorella non poteva aiutarmi.  
minha irmã não podia(P3) ajudar-me(cl.acc.)  
“A minha irmã não podia me ajudar.”  
b. Mia sorella non **mi** poteva aiutare.  
c. \*Mia sorella poteva non aiutarmi.  
d. \*Mia sorella **mi** poteva non aiutare.

- (66)<sub>Ea</sub>. Mi hermana no podía ayudarme.  
minha irmã não podia(P3) ajudar-me(cl.acc.)  
“A minha irmã não podia me ajudar.”  
b. Mi hermana no **me** podía ayudar.  
c. \*Mi hermana podía no ayudarme.  
d. \*Mi hermana **me** podía no ayudar.

(67)<sub>Fa</sub>. Ma sœur ne pouvait pas **m'**aider.

minha irmã não podia(P3) não me(cl.acc.) ajudar

“A minha irmã não podia me ajudar.”

b. \*Ma sœur ne **me** pouvait pas aider.

c. \*Ma sœur pouvait ne pas **m'**aider.

d. \*Ma sœur pouvait **me** ne pas aider.

Em (65, 66), as sentenças (a, b) são gramaticais pois o italiano e o espanhol apresentam o fenômeno de alçamento do clítico, e nessas línguas o clítico não se eleva acima da negação. (67b) é agramatical porque o francês não apresenta este fenômeno. Nos três grupos, todas as sentenças (c, d) são agramaticais, o que confirma os fatos de o clítico não poder se alçar por sobre a negação (sentenças (d)) e de a negação não poder se localizar no segundo verbo (sentenças (c)). Além disso, a comparação das sentenças (c) com (64a) revela mais uma assimetria do PB com relação às demais línguas analisadas aqui, pois, como dito anteriormente, em PB é possível a negação no segundo verbo da sequência verbal.

Finalmente, para esse teste, Kanthack (2002, p. 20-21) menciona que o advérbio, por ser um elemento de natureza diferente em relação à negação e ao clítico, não pode quebrar a adjacência entre os núcleos negação-clítico-verbo. Dessa maneira, resta comprovar que o advérbio não pode se posicionar entre a negação e o clítico (uma vez que já foi comprovado nas seções anteriores que o advérbio não pode se interpor entre o clítico e o verbo). O exemplo dado pela autora é o indicado em (68):

(68) a. \*A Maria não sempre **te** podia ajudar nos trabalhos da escola.<sup>13</sup>

b. ??A Maria sempre não **te** podia ajudar nos trabalhos da escola.

(KANTHACK, 2002, p. 20)

---

<sup>13</sup> No entanto, a substituição de “não” por “nem” em (68a) faria a sentença ser mais aceitável em PB: “?A Maria nem sempre te podia ajudar nos trabalhos da escola.” Isso indica que o “nem” não tem o mesmo valor de negação que o “não”.

Para as demais línguas, esse teste é apresentado em (69-71), sendo que as sentenças (a) de (69, 70) possuem a negação e o clítico no verbo mais alto; em (71a) somente a negação está no verbo mais alto, pois o clítico não é licenciado diante do primeiro verbo em francês, uma vez que nessa língua não se tem alçamento do clítico.

- (69)<sub>I</sub> a. Mia sorella non **mi** voleva aiutare volentieri.  
minha irmã não me(cl.acc.) queria(P3) ajudar com-prazer  
“A minha irmã não queria me ajudar de bom grado.”  
b. \*Mia sorella non volentieri **mi** voleva aiutare.
- (70)<sub>E</sub>a. Mi hermana no **me** quería ayudar temprano.  
minha irmã não me(cl.acc.) queria(P3) ajudar cedo  
“A minha irmã não queria me ajudar cedo.”  
b. \*Mi hermana no temprano **me** quería ayudar.
- (71)<sub>F</sub>a. Ma sœur ne voulait pas **m'**aider volontiers.  
minha irmã não queria(P3) não me(cl.acc.)-ajudar com-prazer  
“A minha irmã não queria me ajudar de bom grado.”  
b. \*Ma sœur ne volontiers voulait pas **m'**aider.  
c. \*Ma sœur ne voulait volontiers pas **m'**aider.  
d. Ma sœur ne voulait pas volontiers **m'**aider.  
e. \*Ma sœur ne voulait pas **me** volontiers aider.

Todas as sentenças (b) desses três grupos são agramaticais, o que comprova o fato de o advérbio não poder se interpor entre a negação e o clítico; (71e) é agramatical porque o advérbio está separando o clítico da sua base verbal (o verbo lexical, em segunda posição na sequência verbal). A gramaticalidade de (71d) pode ser justificada pelo fato de a negação ser atribuída ao verbo mais alto, e o clítico estar em adjacência ao mais baixo (o que indica a não aplicação da regra de reestruturação em francês). Assim, não há como o advérbio se interpor entre a negação e o clítico.

Resumindo, como base em todos os testes realizados até aqui, é possível concluir que o clítico é um núcleo, diferentemente dos DPs lexicais, dos pronomes não-clíticos e dos advérbios, que se comportam como uma projeção máxima.

De acordo com a proposta de Sportiche (1998), os clíticos projetariam então um sintagma CliticP, o qual teria o seu núcleo ocupado pelo próprio clítico. Essa projeção se encontraria dentro de IP (uma vez que é possível dizer que o clítico se comporta da mesma forma que uma desinência verbal, adjacente ao verbo).

### **Considerações finais**

A realização dos testes para a caracterização da categoria dos clíticos possibilitou uma série de conclusões. A primeira foi a constatação, nas demais línguas além do PB, das conclusões a que Kanthack (2002) já havia chegado no seu trabalho sobre o PB: de que os clíticos não se comportam como DPs/PPs lexicais ou como pronomes não-clíticos (relativamente a os clíticos não poderem ocupar as posições que aqueles constituintes ocupam na sentença, não poderem ocorrer como item isolado, receber acento contrastivo ou serem modificados por advérbios), assim como os DPs/PPs e os pronomes não-clíticos não poderem ocupar as mesmas posições sentenciais que os clíticos ocupam. Além disso, ficou comprovado nas quatro línguas o caráter nuclear do clítico, o qual se incorpora ao verbo assim como uma desinência verbal o faz: a não-possibilidade de ocorrência de elementos entre o clítico e o verbo, como advérbios ou até mesmo uma negação sentencial, foi esclarecedor nesse sentido.

Com relação ao teste de acento contrastivo (Seção 2.1.1.5), ficou clara a importância de uma análise translinguística para a validação do teste: limitando-se ao PB (como realizado por Kanthack (2002)), houve dúvidas sobre a agramaticalidade das sentenças em (23a, b), pois para alguns falantes não haveria problema em aceitar que os clíticos possam receber acentuação contrastiva. Entretanto, na avaliação dos informantes para as demais línguas, sentenças com estruturas semelhantes a (23a, b) (as quais se localizam nos grupos (24-26)) foram todas consideradas agramaticais para a focalização contrastiva do clítico. Aliás, considerando que o objetivo da Sintaxe Gerativa é levantar as características da GU, uma análise envolvendo várias línguas é sempre bem-vinda.

O momento de maior complexidade na execução dos testes nesta pesquisa foi a verificação das posições de ocorrência dos clíticos nas diversas línguas (Seção 2.1.2). Isso porque, como foi demonstrado, cada língua licencia clíticos em posições diferentes em relação ao verbo ou à sequência verbal, segundo o tempo verbal empregado ou a ocorrência ou não de alçamento do clítico (o que indica a aplicação da regra de reestruturação). Entretanto, uma conclusão interessante pode ser obtida a partir desse fato: as línguas neolatinas analisadas apresentam preferência pela posição proclítica para o clítico. Isso vai ao encontro do que se verifica atualmente para o PB oral: a admissão da próclise sem restrições.

Ao final dos testes, foi indicada a proposta de representação para a categoria dos clíticos, segundo Sportiche (1998): o clítico ocupa o núcleo da projeção CliticP, a qual se localiza dentro de IP. Dessa forma, o clítico pode ser encarado como tendo a mesma natureza de uma desinência verbal, devendo incorporar-se a um verbo.

## **Bibliografia**

CINQUE, Guglielmo. “Restructuring” and Functional Structure. In: \_\_\_\_\_. *Restructuring and Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 4. New York: Oxford University Press, 2006, p. 11-63.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. Direção e coordenação geral da tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

KANTHACK, Gessilene Silveira. *Clíticos no Português Brasileiro*. Tese (Doutorando em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002, 174 p. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/83641/187806.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 ago. 2016.

MIOTO, Carlos. *Negação Sentencial no Português Brasileiro e Teoria da Gramática*. Tese (Doutorando em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 1992, 246 p.

OLIVEIRA, Luciano de. *Estudos dos Clíticos e das Construções com Clitic Dislocation em Línguas Neolatinas*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, 169 p. Disponível em: <http://tede.ufsc.br/teses/PLLG0639-D.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2016.



RIZZI, Luigi. Some Notes on Romance Cliticization. In: \_\_\_\_\_. *Comparative Syntax and Language Acquisition*. London: Routledge, 2000, p. 102-131.

SPORTICHE, Dominique. *Partitions and Atoms of Clause Structure: Subjects, Agreement, Case and Clitics*. New York: Routledge, 1998.

Data de submissão na OJS: 31/08/2016

Data de aceite registrado na OJS: 19/10/2016